

ESCRITA, VAZIO E SILÊNCIO:

Os Contornos da Palavra e da Imagem de Mira Schendel

Vitória Porto

Este ensaio busca debruçar-se nas reflexões sobre a linguagem a partir da relação que se constrói entre a imagem e a palavra na série *Objetos Gráficos* (1967-1973) de Mira Schendel. A palavra enquanto objeto e tornada imagem equivoca sua decifração e permite um percurso pela própria rachadura que a constitui: situada numa zona fronteira entre o que se escreve e o que se lê, entre o sentido e o sem sentido, provoca um recuo às tentativas de fixá-la numa significação. A presença da letra como traço e a marca da caligrafia testam os limites do sentido e revelam um gesto de escrita que não se captura pelo tempo e pela decifração.

Mira Schendel; Escrita; Imagem; Palavra

Vitória Porto é artista multidisciplinar e graduanda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. Sua pesquisa e produção partem dos diálogos possíveis entre a Arte e a Psicanálise na investigação da palavra, da escrita e da memória. Contato: vpcastro@id.uff.br

Revisitava, depois de alguns meses, fragmentos sublinhados e breves notas inscritas nas páginas de *Água viva*. Retornando a esses vestígios, ocorreu-me, o que mais teria me intrigado na leitura era a escrita de uma certa inquietação de Clarice com o uso da palavra. Escrever, o que surgia como uma urgência, também despertava um estranhamento quando, diante do tempo e da linguagem, tocava num ponto limite do dizer. Na quarta página, encontrei marcada uma pergunta que abre caminhos para muitas outras: “a palavra é objeto?”¹. Mais a frente, vejo que grifei uma tentativa de entender do que se trata a escrita: “então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra”². Nesse segundo olhar, percebi que aquela leitura da qual não me recordava inteiramente estava materializada no corpo da minha pesquisa e produção. Ao mesmo tempo que revisitava a obra de Clarice, introduzia-me no mundo de Mira Schendel (1919-1988); e nesse feliz encontro e alternância entre uma obra e outra, deparava-me com gestos – o da escrita, da caligrafia, da pintura – que deixavam ver os modos pelos quais a escrita, o tempo e o corpo se interpelam. Ambas pareciam trazer nas possibilidades infinitas no mundo das palavras, certo silêncio.

Escolho iniciar este ensaio com o retorno à *Água viva* porque ele próprio é uma costura dos escritos que, partindo desse encontro, de-

1. LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco. 1998, p. 4.

2. LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco. 1998, p. 13.

bruço-me sobre as obras de Mira. Nos trabalhos da artista, nascida na Suíça e radicada no Brasil em 1949, a caligrafia que se transporta para a imagem revela radicalmente o vazio sobre o qual flutua e contorna a linguagem. Transitando pelas nuances desse ponto, essa escrita busca tecer reflexões sobre a relação construída entre a imagem e a palavra na série *Objetos Gráficos*, produzida entre 1967 e 1973.

Nos trabalhos que compõem a série, duas camadas de acrílico suspensas por fios prensam o papel de arroz inscrito por letras, símbolos, números, traços e manuscritos que podem ser vistos pelos dois lados da tela, elementos que por vezes também preenchem as prensas. Numa passagem por eles, o que se encontra, num primeiro olhar, são conjuntos de signos que sobrevoam o espaço expositivo como um convite à criação de múltiplos trajetos e distâncias pelas telas. As movimentações de sobreposição

e intervalos entre as impressões nas transparências do papel desvelam um gesto silencioso no fazer com a imagem e a palavra que escapa à interpretação. Mira parece atentar-se para o inconcluso. Atravessando os limites da significação, sua escrita embaralha não apenas a disposição dos signos no espaço, mas as próprias possibilidades de sentido ao penetrar no vazio da palavra, podendo convocar outros estatutos para a linguagem.

A palavra enquanto objeto e transmutada em imagem equivoca sua decifração e permite um percurso pela própria rachadura que a constitui: situada numa zona fronteira entre o que se escreve e o que se lê, entre o sentido e o sem sentido, provoca um recuo às tentativas de fixá-la numa significação. "A letra, ao formular-se, deve mostrar o máximo de suas faces, para ser ela mesma", escreve Mira (SALZSTEIN, 1996, p.256). Convencionalmente tomada como base para o fechamento de um sentido, em *Objetos Gráficos* a presença da letra visa radicalmente um percurso contrário. Dispersa no espaço e inscrita como um traço corporal (Figura 01), poderíamos dizer

que o que se produz é um tropeço que coloca em questão a linguagem e a imagem, como “sílabas cegas de sentido”, já escrevia Clarice³.

A composição construída na singularidade que Mira realiza com a marca da letra preserva um vazio e, ao mesmo tempo, produz sentidos. Diríamos que, mesmo estes dois aspectos parecerem opostos, na verdade nos convocam a compreender justamente uma

brecha fundamental na escrita. A letra explorada graficamente não nos leva a uma leitura direta, mas problematiza o sentido e a visualidade (RIVERA, 2009, p. 32). Deixamos, em *Objetos Gráficos*, que ela nos interpele em seu próprio silêncio. Num jogo de presenças e ausências, entramos nas entrelinhas dessa escrita imagética menos com a pretensão de fechar significados do que experimentar a sensibilidade a qual somos convocados no instante do olhar.



Fig. 01: Mira Schendel. Sem título, da série *Objetos Gráficos*, 1967. Fonte: MoMA.

3. LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco. 1998, p. 4.

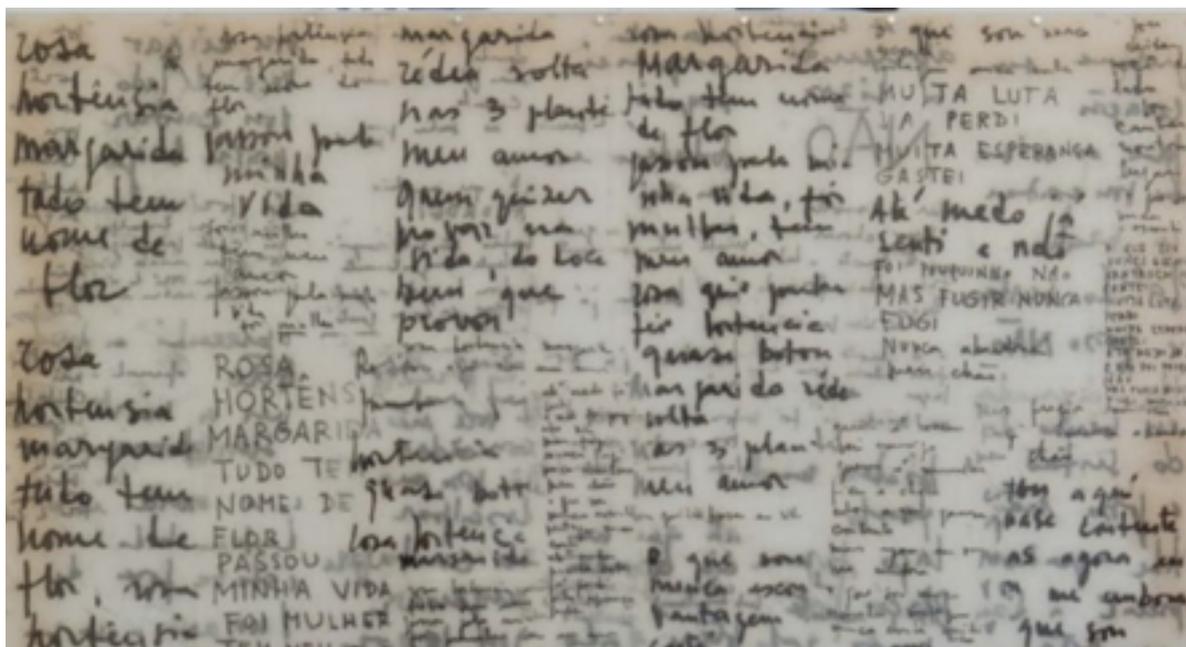


Fig. 02: Mira Schendel. Objeto gráfico, 1968. Fonte: Art Basel.

As possibilidades que a palavra pode assumir, em Mira, se constituem sobretudo pelas marcas próprias que sua caligrafia confere. É nessa presença corporal em ato que a visualidade dos signos se constrói testando os limites do sentido. Em *Objeto Gráfico* (Figura 02), a repetição das sentenças transborda a reprodução do mesmo: o gesto da escrita à mão e o diálogo que as palavras desenvolvem pela sobreposição entre si produzem diferenças e abrem caminhos múltiplos pelos quais se pode percorrer uma leitura que não está dada. Do que se repete, pode emergir o novo.

Testemunhamos em seus trabalhos a aparição de uma temporalidade que anuncia a presença de algo que marca a incompletude e o efêmero. A presença do corpo nas manchas da tela e no desenho das palavras descentram o tempo e a própria escrita: esbarramos não na linearidade, mas em fragmentos que apontam para um fazer descontínuo entre o incomunicável e o endereçamento. Trata-se do uso da escrita como efeito de um ato, como traços que aparecem e desaparecem no tempo. Parecemos estar diante de um gesto que não se pode capturar, sendo lançados a experienciar uma coisa outra – sua imanência. O percurso deste olhar desestabilizado constrói uma relação espaço-temporal que é fundamentalmente instável. Não aquela que se fixa no tempo, mas que justamente nele se perde e se ficciona.

Referências

RIVERA, Tania. **A letra e a imagem - Gary Hill, videoarte e psicanálise**. Em: **Psicologia & Sociedade**, n.21, pp. 31-38, 2009.

SALZSTEIN, Sônia. (Org.). **no vazio do mundo: Mira Schendel**. São Paulo: Marca D'Água, 1996.

SCHENDEL, Mira. **Sem título da série Objetos Gráficos**. 1967. Grafite, datilografia e óleo sobre papel entre folhas de acrílico transparente com datilografia, 99.8 × 99.8 × 1 cm. MoMA, Nova York. Disponível em: <<https://www.moma.org/collection/works/108826>>. Acesso em: 26 abr. 2023.

SCHENDEL, Mira. **Objeto Gráfico**. 1968. Pintura, 100 × 100 cm. Art Basel, Miami. Disponível em: <<https://www.artbasel.com/catalog/artwork/29018/Mira-Schendel-Objeto-Gr%C3%A1fico>>. Acesso em: 26. abr. 2023.